

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (Porto, 1925-2017)

Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira nasceu no Porto, a 3 de setembro de 1925, no seio de uma família de classe média alta. Filha de um Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Alfredo da Rocha Pereira, Maria Helena da Rocha Pereira teve na figura do pai um exemplo tutelar que muito influenciaria a futura especialista em Filologia Clássica. Essa influência é visível, por exemplo, no gosto que viria a cultivar por figuras ligadas à história da Medicina, como Pedro Hispano, autor do século XIII de quem possuímos um importante legado constituído por obras médicas e que viria a ser o primeiro e, até hoje, único Papa português: João XXI. No Porto, M. H. da Rocha Pereira estudou no Liceu D. Carolina Michaëlis, que se situava nas imediações da casa da família e não muito longe do local onde viria a falecer 91 anos mais tarde (a 10 de abril de 2017), depois de uma vida inteira dedicada ao estudo. Ao longo da sua vida, nunca o afeto que tinha pela cidade do Porto esmoreceu, dedicando-lhe, e a algumas das figuras a ela ligadas, alguns estudos, como e.g. *As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro* e *O Porto* na obra de Ramalho Ortigão, ambos de 1950 — tinha a sua autora apenas 25 anos.

Em 1942, matriculou-se no curso de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde não só aprofundou o seu conhecimento do Grego e do Latim, como se iniciou no estudo do Hebraico Clássico. O seu conhecimento exímio das línguas antigas somava-se ao domínio exemplar que tinha de outras línguas modernas, nomeadamente o alemão, o castelhano, o francês, o inglês e o italiano. Em Coimbra se licenciou em 1947, tendo sido discípula de Professores como Francisco Rebelo Gonçalves e Carlos Simões Ventura. Já licenciada, regressou ao Porto e ingressou no Centro de Estudos Humanísticos, ligado à Universidade da Cidade Invicta. Nessa condição, ali proferiu, ao longo do ano de 1948, uma série de “Lições de Literatura Latina”, que viriam a ser posteriormente publicadas. Até 1950, M. H. da Rocha Pereira desenvolve atividade letiva na cidade do Porto e, nesse mesmo ano, ganha uma bolsa do Instituto de Alta Cultura que lhe permite ir para o Reino Unido e ali matricular-se na Universidade de Oxford. Juntamente com a cidade do Porto e Coimbra, Oxford completaria o conjunto de três cidades por que M. H. da Rocha Pereira nunca perderia o encanto. Com efeito, entre 1950 e 1959, em três estadias distintas, Oxford viria a proporcionar à filóloga e especialista em História Cultural o convívio com e o usufruto do magistério de eminentes classicistas, como E. R. Dodds, J. Beazley, E. Fraenkel, W. S. Barrett e R. Pfeiffer. M. H. da Rocha Pereira nunca deixaria de os mencionar como seus Mestres. Com Dodds, em particular, viria a estudar



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Literatura e Religião Gregas, com Beazley faria a sua iniciação no estudo de vasos gregos, o que lhe permitiu inaugurar um campo de estudo até então praticamente inédito em Portugal. Ainda hoje, no nosso país, M. H. da Rocha Pereira é o nome que convoca maior autoridade não só em cerâmica grega, como em arte grega em geral.

Foi na sequência do trabalho desenvolvido com J. Beazley que M. H. da Rocha Pereira publicou a obra seminal *Greek Vases in Portugal* (Rocha Pereira, 1962 = Rocha Pereira, 2016: 127-310), com novos “Supplements” saídos em 1967 e em 2008 (= Rocha Pereira, 2016: 311-319 e 321-329, respetivamente). Até ao final da sua vida, a classicista jamais abandonaria o interesse e o gosto pela cerâmica grega, mantendo-se sempre atualizada relativamente a esse assunto e ligada a várias publicações sobre a matéria. O estudo que faz dos vasos gregos é, aliás, particularmente revelador das suas amplas conexões nacionais e internacionais, num período em que a mobilidade académica estava ainda muito longe de conhecer as facilidades que hoje lhe assistem. Devemos-lhe, por exemplo, o reconhecimento do “Lisbon Painter”, nome que lhe foi sugerido por um colega neo zelandês especialista no tema, A. D. Trendall, pelo facto de o referido pintor grego, anónimo, ter sido identificado por ela.

Quando regressou de Oxford, depois da primeira estadia, em 1951, M. H. da Rocha Pereira foi contratada como Assistente pela Universidade de Coimbra. Cinco anos depois, em 1956, e ao fim de uma longa espera de dezoito meses para marcação de provas públicas, M. H. da Rocha Pereira tornou-se a primeira mulher a obter o grau de Doutor por aquela Universidade. Em 1962, prestou provas públicas para a categoria de Professor Extraordinário e, em 1964, para Professor Catedrático. De entre os cargos que ocupou na sua Universidade, destacam-se os de Vice-Reitora, de Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras e de Diretora dos Institutos de Estudos Clássicos e de Arqueologia da mesma Faculdade. A Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira jubilou-se, por exigência da lei, em 1995, aos setenta anos de idade. Nessa data, porém, apenas terminou a sua função letiva oficial, pois a dedicação à ciência e aos Estudos Clássicos em particular continuou até praticamente à sua morte, em 2017, partilhando conhecimento e saber com colegas e discípulos. A M. H. da Rocha Pereira deve-se a criação de uma “escola de Estudos Clássicos”, que ultrapassa os limites da Universidade de Coimbra, no sentido mais puro e exigente do termo, expressa em primeiro lugar nos estudos gregos (história, cultura, literatura e arte), que colhiam a sua predileção, mas visível igualmente nos estudos latinos e neolatinos (medievais e renascentistas), bem como no campo fértil da identificação e análise da perenidade da cultura clássica na literatura portuguesa.

O método desta classicista caracteriza-se acima de tudo pela análise minuciosa e atenta das fontes literárias e arqueológicas que eram objeto de estudo, com o recurso à melhor e mais atualizada bibliografia existente à data da publicação e ainda com a discussão criteriosa das várias teorias e hipóteses interpretativas. Estas características tornam a leitura dos trabalhos de M. H. da Rocha Pereira num guia seguro para o conhecimento do estado da arte e das novas tendências de cada assunto que abordava. A produção bibliográfica de M. H. da Rocha Pereira define-se ainda pela sua evidente internacionalização.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

O contributo de Rocha Pereira para a História Cultural é inegável. Desde logo, pelo seu trabalho como filóloga. Uma das obras que lhe devemos é a edição crítica de Pausanias. *Graeciae Descriptio*, publicada na prestigiada *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*, respetivamente nos anos de 1973, 1977 e 1981. Pausânias é um importante autor grego do século II d.C., de quem temos um relato descritivo e pormenorizado da Grécia continental do seu tempo. Nele, incluem-se referências e descrições de cidades, edifícios, obras de arte (muitas hoje perdidas), alusões a mitos, a tradições religiosas, a acontecimentos políticos e a personalidades. Pausânias é assim um manancial para o nosso conhecimento da Grécia Antiga e devemos uma das principais lições da sua obra a M. H. da Rocha Pereira. Este trabalho é justamente considerado por muitos como o mais importante da sua carreira e que a consagraria em termos internacionais. Mas a importância desta autora para o estudo da História Cultural vai mais além. São dela, também, muitas traduções de vários autores greco-latinos que, a título de material de apoio para os seus estudantes de História da Cultura Clássica na Universidade de Coimbra, reuniu em duas antologias, intituladas *Hélide: antologia da Cultura Grega* (cuja última edição foi feita pela Guimarães Editores, publicada em 2009) e *Romana: antologia da Cultura Latina* (com última edição pela Guimarães Editores, em 2010), que se foram ampliando ao longo dos anos de magistério. Nestas duas obras, encontramos autores nunca antes traduzidos em português e outros em novas e cuidadas versões, e.g. Homero, Hesíodo, Teógnis, Safo, Simónides, Heródoto, Tucídides, Hipócrates, Plutarco, Cícero, Ovídio, Virgílio, Tito Lívio. Estas traduções são apenas uma parte do que M. H. da Rocha Pereira dedicou a esse minucioso trabalho filológico, pois dela são também outras traduções, de obras completas, como *A República de Platão* (que atualmente conta com 15 edições, sendo a última da Fundação Calouste Gulbenkian, 2017) ou tragédias de Sófocles, *Antígona e Ájax*, e de Eurípides, *Medeia, Troianas e Bacantes* (reunidas e reeditadas num dos volumes das suas *Obras Completas*, o terceiro, publicadas pela Imprensa da Universidade de Coimbra e pela Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de 2013). Do seu contributo para a História Cultural fazem ainda parte os dois volumes imprescindíveis para qualquer estudante de iniciação à Cultura Clássica, *Estudos de História da Cultura Clássica*, volume I – Cultura Grega e volume II – Cultura Romana. Também estes dois volumes, publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian e com várias edições (as últimas de 2017 – a 12ª edição do vol. I – e de 2013 – a 5ª edição do vol. II; de notar que, enquanto em vida da autora, cada nova edição era submetida a uma rigorosa revisão dos temas, havendo sempre a preocupação de incluir bibliografia atualizada e corrigir ou adaptar questões científicas às mais recentes interpretações – o exemplo da problemática dos Etruscos no volume dedicado a Roma é disso bom exemplo), começaram por ser livros de apoio para os seus estudantes em Coimbra e acabaram por se tornar manuais de base para os estudantes de Cultura Clássica de toda a lusofonia. No primeiro volume, ao longo de mais de setecentas páginas, a autora coloca perante os leitores, com rigor e meridiana clareza, os problemas mais complexos da antiguidade grega, desde a Questão Homérica (um dos seus temas de eleição, que com deleite revisitava e atualizava em cada nova edição) até à afirmação dos estudos científicos e literários na Época Helenística, com capítulos sublimes dedicados à



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

literatura, arte, filosofia, religião ou à própria dinâmica histórica da transmissão cultural. No segundo volume, ao longo de quase seiscentas páginas, a autora evoca, com idêntica metodologia e acuidade, marcos fundamentais da cultura e literatura romanas, desde as lendas da fundação até à figura tutelar de Augusto, dedicando ainda uma longa secção às ideias morais e políticas dos Romanos, essenciais para se entender o seu legado civilizacional.

Parte significativa da produção científica de M. H. da Rocha Pereira pode ser dividida em dois grandes grupos: um dedicado à História, Cultura e Literatura – em suma à História Cultural – do mundo clássico e outro dedicado à receção da Antiguidade Clássica, sobretudo na cultura portuguesa. De entre o primeiro grupo, além dos trabalhos já mencionados, destacamos os estudos que dedicou à religião e ao mito na Grécia Antiga, como *Concepções helénicas de felicidade no Além, de Homero a Platão*, 1956, e *No rasto das Amazonas*, 1998; à poesia grega arcaica, como *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*, 1962; à arte clássica, como *Para a compreensão da arte grega*, 1985, *O palácio, do mundo minóico ao helénico: mito e realidade*, 1993-94, *O Zeus de Olímpia*, 2009; à história e literatura da Roma Antiga, como *Entre a História e a Lenda: a figura de Viriato*, 2004, e *Virgílio, poeta da paz e da missão de Roma*, 1992. De entre o segundo grupo, são assinaláveis publicações como *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, 1972, *Novos Ensaio sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, 1988, e *Portugal e a herança clássica e outros*, 2003. Há, porém, que não esquecer os estudos que M. H. da Rocha Pereira dedicou ainda à cultura medieval e moderna, como *Vida de S. Teotónio*, 1988, *Nomes de ninfas em Camões*, 1980, e *Vida e Milagres de São Rosendo e Vida de Santa Senhorinha*, 1970. Foi, aliás, exímia camonista. Em todos estes trabalhos, reconhecemos em M. H. da Rocha Pereira a necessidade contínua de compreender e de integrar os fenómenos culturais no seu tempo, levando em conta estruturas mentais, geográficas e sociais, assim como as conjunturas que motivam e explicam manifestações culturais e políticas, e de perceber as motivações de outras épocas e autores ao reaproveitarem a sua herança clássica, reescrevendo-a ou simplesmente retransmitindo-a para as suas contemporaneidades. Destacamos ainda a sua colaboração em entradas para dicionários e enciclopédias, como *Verbo* (404), *Logos* (42) e *Biblos* (18); verbetes preparados para o *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária* de José João Cochofel (10), além de um para o *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (Basileia – Paris) e para o *Dicionário Luís de Camões*.

M. H. da Rocha Pereira é, portanto, figura incontornável da cultura portuguesa contemporânea, tendo-se destacado pelo seu contributo para o conhecimento da Antiguidade Clássica em língua portuguesa (e não só), para o estudo da receção da Antiguidade na cultura portuguesa e pela formação de classicistas: filólogos, historiadores, arqueólogos e historiadores da arte. Recebeu a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (2004) e o grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lisboa (2009). Foi membro da Academia das Ciências de Lisboa e integrou a comissão científica do prestigiado *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, com sede em Zurique. Recebeu vários prémios, entre eles o Prémio P.E.N. Clube Português de Ensaio (1989), o Troféu Latino da União Latina (2006), o Prémio Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(2006), o Prémio de Cultura Padre Manuel Antunes (2008) e o Prémio Vida Literária APE/CGD (2010).

Bibliografia ativa: Arte Antiga. Vol. IV. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2016; Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. I. Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. 12ª ed. 2017; Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. II. Cultura Romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. 5ª ed. 2013; Estudos sobre a Grécia antiga. Artigos. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2014; Estudos sobre a Grécia Antiga. Dissertações. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2013; Estudos sobre Roma Antiga, a Europa e o legado clássico. Vol. V. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2015; Greek Vases in Portugal. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1962; Hélade. Antologia da Cultura Grega. Organização e tradução do grego. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1959; 10ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2009; Pausanias. Graeciae Descriptio. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Vols. I-III. Leipzig: Teubner, 1973, 1977 e 1981. 2ª ed. 1989-1990; Platão. A República. Introdução, tradução do grego e notas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. 14ª ed. 2017.

Bibliografia passiva: FERREIRA, José Ribeiro, “Jubila-se o Mestre, perdura o paradigma”. Humanitas 47, 1995, 9 21. Id., Três Mestres, Três Lições, Três Caminhos. Coimbra, Fluir Perene, 2009; LEÃO, Delfim, “Maria Helena da Rocha Pereira: uma abordagem transversal da cultura clássica”, in Glaydson José da SILVA & Alexandre Galvão CARVALHO (orgs.), Como se escreve a História da Antiguidade. Olhares sobre o Antigo. São Paulo, Editora UNIFESP, 2020, 345-354; VENTURA, Zélia de Sampaio, “Bibliografia de Maria Helena da Rocha Pereira”. Humanitas 47, 1995, 23-51.

Delfim Leão

Nuno Simões Rodrigues